

12-06-2023

## O AMOR ANTES DE SÁBADO

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente  
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Imaginem essa situação: a mãe e o pai, embora com diferenças de gênero, de personalidade e de temperamento, souberam se ajustar na causa maior, o amor pela filha. Filha única do casal. Essa que, sob a palavra do grupo da escola, é “a diferente”. A moça, com 18 anos, calada, ensimesmada, olhos esbugalhados, tomada loucamente de paixão pelo primeiro namorado, geralmente com silêncio longo e impenetrável, é alvo da observação sensível e amorosa da mãe: “*o que está acontecendo com a minha filha?*”

O moço, o namorado, tem o olhar crispado e viril; seus gestos são demasiadamente ansiosos. A sua fala corta o ar com secura e acidez. A impaciência parece lhe tomar o semblante do rosto e dos gestos das mãos que, quase sempre, batem uma na outra com força incontrolável. O pai trabalhador enxerga a filha com ar de preocupação. Mas o tempo do pai é utilizado nessa tensão duradoura: vender seguros. Agora, a tensão foi ao máximo porque há, na boca miúda da empresa, a notícia que vazou entre os empregados: “*quem não bater a meta vai ser mandado embora?*”.

O terror do desemprego se torna maior que o fato caseiro: “a submissão da filha ao namorado e a sua estranheza silenciosa”.

A sua justificativa parece insuspeita: “*eu amo, eu amo a minha filha!*”. O amor de ambos, de pai e mãe, corre como um mar na veia; é a onda grande e verdadeira da vida. No sábado, mais um sábado, a filha com coragem vocal e com tom ameaçador despede da mãe: “*estou indo dormir na casa do meu namorado!*”.

O ar de preocupação da mãe se dissolve na dissimulação materna universal: “*será que estou com ciúmes de ver o amor da filha repartido?*” A filha foi, não voltou, e não voltará nunca mais.

Ela se enquadra agora na estatística crescente do feminicídio no Brasil. Em 2022 o Brasil bateu todos os recordes com 3,9 mil homicídios intencionais. Esse número ocasionou um aumento de 2,6% relativo ao ano anterior. De todos os estados da federação, 12 tiveram aumento. Ciúme doentio, tortura psicológica, ameaças veladas, com retribuição sexual, compreendem a atmosfera emocional desse crime bárbaro. Os assassinos jogam com o desejo e fazem do jogo a seta do punhal. Aquele sábado dividiu o mundo. Até ele o casal, pai e mãe, vivia no reino do amor, corria-lhe o mar de amor nas veias. Depois daquele sábado, tudo era dor, sofrimento pesado, insônia, fratura irrecuperável promovida pela perda; desejo de sumir do mundo, delírio, incompreensão e a pergunta feita com fibra de sangue nas letras: “*por quê?*” .....

O problema da violência no Brasil remonta à origem do país. Esse dado seminal não pode ser esquecido na sua interpretação, pois conforme salientou o mestre Alfredo Bosi, o estupro de meninas indígenas no período colonial, de negras escravizadas, de camponesas filhas de agregados no entorno dos engenhos de açúcar, são signos da criação do país. Por conseguinte, o aumento atual do feminicídio de alguma maneira é a declaração atávica do país; de parte de sua triste originalidade. É também a demonstração de que o destino entrelaça-se à origem. Daí, que a relação entre colonização, patriarcalismo, formação do latifúndio, pilhagem de bens naturais e violência social e sexual, faz parte de um mesmo processo histórico duradouro e persistente. Sem ler esse processo não há como explicar a violência. Entretanto, o problema da violência, além de um código seminal que oferece luz para ler com profundidade o Brasil, é, no caso relatado do pai e da mãe, cujo sábado dividiu o mundo, o que fica. Depois de ter havido o homicídio o que fica é a moral coletiva cicatrizada; a insegurança de se relacionar e acolher o Outro; a subjetividade afetada dos que amaram e amam. Quando o geógrafo e educador da libertação, Ubiratan Francisco de Oliveira, com amor nos lábios e indignação decidida, diz que “*não temos o direito de esquecer a escravidão nas análises que se faz do Brasil porque esquecendo-a rompemos com um passado que não passou?*”. Seu alerta se sintetiza nisso: a moral nacional cicatrizada. O sábado dividiu o mundo do casal em dois hemisférios: antes havia o amor, agora o que há é a luta contra a mágoa, o desespero, a depressão e o pensamento obsessivo. Aliás, a última imagem da filha, que com olhar estranho informou à mãe que estava indo para a casa do namorado, insiste em nutri-la de culpa, de aflição intrusiva, de dor inescapável. Naquele olhar premeditava-se a tragédia. A interrogação - *por que estão matando as mulheres no Brasil?* - remonta ao prisma complexo da sociedade brasileira e de sua afeição contraditória às sociedades mundializadas. Remonta também à montagem da subjetividade coletiva, inclusive da paixão de pessoas simples do Brasil por coronéis e pelo timbre do coronel (os do açúcar e não necessariamente da carreira policial).

**A junção de baioneta e cristianismo pelo coronel, de acordo com Bosi, não envergonhou apenas o pleito de uma exuberante dissimulação do sentido da violência no Brasil. Essa junção edificou um dos principais signos que constituiu e constitui a mentalidade brasileira.**

**A missão não é simples: é fazer o amor ocorrer depois de sábado.**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*